



CADERNO 2

A Bíblia segundo os eruditos

●● Obras de estudiosos da Bíblia e de Cristo jogam luz à narrativa religiosa. ●

O evangelho segundo os eruditos

Quatro **livros** de grandes estudiosos da **Bíblia**, entre eles um prêmio Pulitzer, chegam ao mesmo tempo às livrarias, na semana em que se

comemora o **Natal**, jogando nova luz sobre antigas profecias **sagradas** e analisando a sintaxe dos relatos bíblicos.

◉ **PÁG. 3**

DIVULGAÇÃO



VIRGEM - Obra de Fra Angelico

Um Natal entre grandes intelectuais

Geza Vermes e Garry Wills falam sobre Jesus e Robert Alter analisa o lado literário da *Bíblia*, tema de Karen Armstrong

Antonio Gonçalves Filho

Com demasiada frequência heréticos distorceram as Escrituras para seus próprios fins, defende uma das maiores especialistas em temas religiosos, a inglesa Karen Armstrong. Não é seu caso, garante a autora. Ela concorre em prestígio com outros três estudiosos da *Bíblia* que têm esta semana seus livros lançados por quatro diferentes editoras: o húngaro Geza Vermes, a maior autoridade acadêmica nos *Manuscritos do Mar Morto*, e os norte-americanos Robert Alter, professor de literatura hebraica, e Garry Wills, ex-seminarista que se tornou professor de história e foi agraciado com o prêmio Pulitzer por *Lincoln at Gettysburg*, análise original sobre a influência do pensamento grego nos discursos do presidente americano Abraham Lincoln.

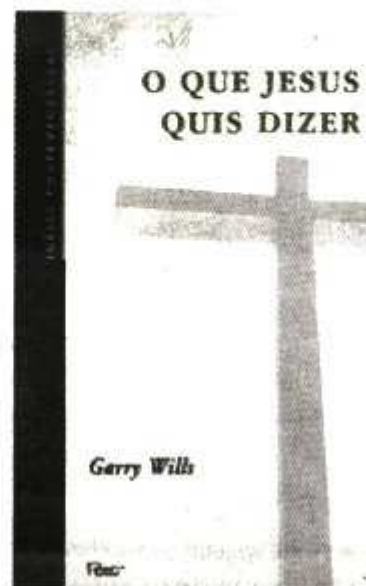
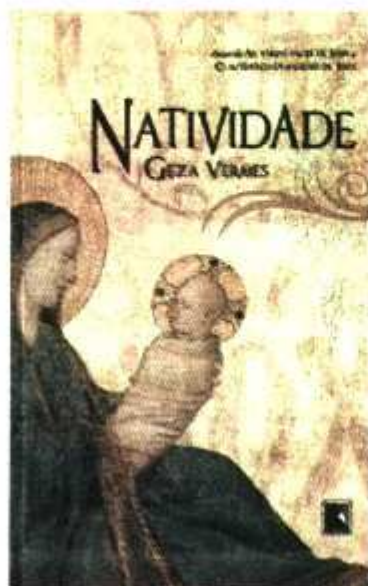
Três desses livros são recentíssimos: *O Que Jesus Quis Dizer* (Rocco, 152 págs., R\$ 25), de Garry Wills, *Natividade* (Record, 190 págs., R\$ 32), de Geza Vermes, e *A Bíblia - Uma Biografia* (Zahar, 276 págs., R\$ 39,90), de Karen Armstrong. O quarto, de Robert Alter, *A Arte da Narrativa Bíblica* (Companhia das Letras, 288 págs., R\$ 46), foi publicado em 1980 e não se tornou um clássico por acaso. A associação imediata que se faz entre Alter e Auerbach é justa: poucos intelectuais estudaram com tanta paixão o caráter literário das antigas Escrituras, guiando o leitor pela arte narrativa bíblica. Tanto que Alter se recusa a usar a designação Velho Testamento. Para ele, as narrativas do Velho e do Novo foram escritas em línguas e épocas diferentes e partem de pressupostos literários distintos. Portanto, não lhe pareceu correto reunir os dois testamentos num único quadro de referência crítica.

Alter lança nova luz sobre a



NATIVIDADE – O nascimento de Cristo segundo o alemão Mestre Francke e a *Virgem com o Menino Jesus*, do renascentista Bernardo Daddi

Bíblia com sua abordagem diferenciada e o exame minucioso dos textos bíblicos, mas, como sugere o próprio título de seu livro, o foco é a narrativa literária, o que o faz criticar até a versão da *Bíblia* feita pelo rei James. Faltaria a ela, segundo Alter “clareza e precisão filológica”. Geza Vermes, em *Natividade*, embora não discuta o papel da arte literária na conformação da narrativa bíblica, segue alguns passos de Alter ao analisar as narrativas dos evangelistas. Em busca de suas contradições e das traduções manipuladas pelos mesmos para “agradar” a um público de leitores versados em grego, mas não em he-



braico, Vermes argumenta, por exemplo, que Mateus usou palavras do profeta Isaías para dar sua interpretação pessoal sobre a concepção virginal de Maria. Nesse sentido, o seu é o livro mais polêmico. Ele não teme a discussão. Afinal, conheceu todos os lados da religião: nasceu numa família judaica, foi criado como cristão e retornou às suas raízes quando maduro.

Logo nas primeiras páginas desafia o leitor cristão a encontrar nos Evangelhos qualquer indicação de que José, pai de Jesus, fosse um velho. Essa é uma idéia que teria origem no proto-evangelho de Tiago – um evangelho apócrifo, portanto. Ele

também afirma que o Novo Testamento em lugar algum sugere que os visitantes do Oriente fossem reis. Magos, sim, mas não um trio. “Também em nenhum lugar está escrito que havia três reis, número certamente deduzido da quantidade de presentes relacionados em Mateus”, supondo que cada um deles trouxesse nas mãos ouro, incenso e mirra. E se fosse apenas um portando os três presentes? As narrativas da infância de Jesus, das quais deriva a tradição do Natal, constituem, segundo Vermes, “uma grande excentricidade dos Evangelhos”, argumentando que apenas dois dos evangelistas fazem referência à chegada *temporal* do Messias). Geza Vermes é briguento. Já Garry Wills, não.

Wills assume que o seu não é um livro acadêmico, mas uma obra de devoção. Nada de “Jesus histórico”. Para Wills, Jesus como uma pessoa não existe fora dos Evangelhos “e a única razão de sua existência é a fé dos seus autores na ressurreição”. A leitura dos evangelhos “não é suficiente para saber o que Jesus fez ou disse”. Seus atos e palavras, sim. Muita gente embarcou na canoa errada interpretando literalmente os textos evangélicos. Wills cita uma passagem de Mateus (Mt. 10,34) em que o evangelista transcreve as palavras de Jesus: “Não penseis que vim trazer paz à terra, e sim a espada.” O cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, em seu filme *O Evangelho Segundo Mateus*, conferiu à frase um caráter revolucionário. Os cruzados, com base nessas palavras, teriam incorrido no mesmo erro, segundo o ponto de vista de Wills. Mas Cristo estaria dizendo que a espada seria usada contra ele e os seus, não por eles, defende. E cita novamente Mateus (Mt. 26,52) num diálogo entre Jesus e Pedro: “Põe a espada na bainha, pois quem toma a espada, pela espada morrerá.” ●

A prosa sofisticada de um livro religioso que seria pura poesia

Essa é a definição de Robert Alter para o livro sagrado, traduzido em 2 mil línguas

O estudioso Robert Alter, nascido em Nova York há 72 anos, é um homem sofisticado. Já esteve no Brasil algumas vezes, a última delas há dois anos como palestrante da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Dá aulas de literatura hebraica e comparada na Universidade da Califórnia. Além disso, assinou uma biografia crítica de Stendhal e retraduziu para o inglês os livros de Samuel e dos Salmos. Em outras palavras: Alter circula entre o mundo arcaico e o moderno com tamanha liberdade que dificilmente um leitor encontrará companhia me-

lhor para uma visita literária aos textos bíblicos. Por uma feliz coincidência, seu livro está chegando na mesma hora da "biografia" da *Bíblia* escrita pela inglesa Karen Armstrong, história do livro mais traduzido e publicado no mundo (mais de 6 bilhões de exemplares vendidos nos dois últimos séculos e traduzido em 2 mil idiomas).

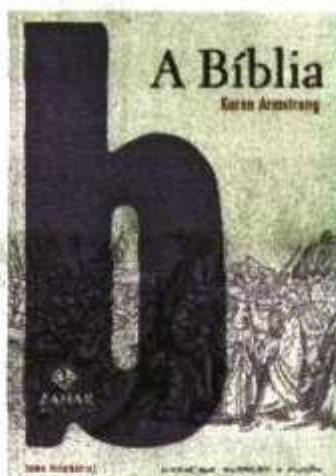
Alter fica intrigado como tão poucos se dedicam ao estudo crítico da narrativa bíblica enquanto há tantos arqueólogos atrás de pistas que confirmem as especulações dos teólogos. Claro, antes deles outros "escavaram" o material bíblico, como os respeitados Otto Eissfeldt e Edwin M. Good, mas *A Arte da Narrativa Bíblica* é menos reverente ao examinar certas passagens como deliberadamente criadas como prosa em substituição ao gênero épico - prosa pronta para virar poesia. Alguns de seus personagens, diz Alter, são caracterizados com tamanha economia que mais parecem criados por algum dramaturgo de gigantesca imaginação - e as histórias de Davi rivalizam em invenção literária com as contadas por escritores contemporâneos como Faulkner, um escritor essencialmente "bíblico" citado em duas passagens do livro.

Karen Armstrong não chega a tanto em seu livro *Bíblia - Uma Biografia*, mas defende que o conhecimento religioso não pode ser comunicado pelo exame de uma página sagrada. As escrituras não se tornaram *Escrituras* por serem consideradas divinamente inspiradas, mas porque, segundo ela, as pessoas começaram a tratar esses documentos "de maneira diferente", guardando-os em arca,



REPRODUÇÃO

CRISTO - Lamentação, de Giotto, que procurava humanizar os santos



carregando-os em procissão ou cobrindo-os com incenso. A autora conta que nem todos os profetas antigos - Jeremias, entre eles - eram simpáticos à palavra escrita, preferindo que os conhecimentos religiosos fossem transmitidos de forma oral, justamente para evitar a "pena mentirosa dos escribas".

A exemplo de Garry Wills, Karen Armstrong critica a indústria erudita que transformou o "Jesus histórico" numa fonte de cobiça das editoras. "O

fato é que o único Jesus que realmente conhecemos é aquele descrito no Novo Testamento", diz a escritora. *A Bíblia*, defende, jamais estimulou o conformismo. Ao contrário. Ela concorda com Hans Frei que dizia ser o livro sagrado um "documento subversivo", desconfiado da ortodoxia desde os mais remotos tempos. "Donos de escravos interpretam a *Bíblia* de uma maneira", observa. "Os escravos, de outra muito diferente", conclui. ● A.G.F